

PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS ATIVIDADES BÉLICAS ANTIGAS: MULHERES NOS ESTRATAGEMAS DE POLIENO*

Ana Teresa Marques Gonçalves**

Resumo: Polieno produziu sua obra, intitulada *Estratagemas ou Estratégias*, no II século d.C., dedicando seu Manual Militar ao auxílio das contendas empreendidas pelos imperadores romanos Marco Aurélio e Lúcio Vero, quando de seu governo colegiado. Ao contrário de grande parte de outros manuais militares, como os produzidos por Frontino, Eneias, o Tático e Vegécio, Polieno reservou partes de sua narrativa para os estratagemas bélicos produzidos e postos em prática por mulheres. Essa participação feminina exemplar na arte da guerra, na Antiguidade latina, merece destaque e uma análise mais meticulosa. Mais do que um espaço para a aplicação de conceitos vindos da História de Gênero, a obra de Polieno nos permite realizar uma reflexão acerca dos papéis femininos e masculinos exercidos em momentos de atividades bélicas constituídas no mundo antigo.

Palavras-chave: mulheres; guerra; manual militar; Roma; Polieno.

Mulheres e violência exercida em atividades bélicas: parece-nos uma parêntese interpretativa nem sempre passível de ser encontrada no material que compõe os manuais militares produzidos na Antiguidade. Nas obras de Eneias – o Tático, Frontino e Vegécio não há protagonistas femininas. Elas são vítimas, e não agentes dos empreendimentos militares. O espaço da guerra parece ser ocupado apenas por homens, que nele expressam suas virtudes – a honra, a coragem, a astúcia. Torna-se, antes de tudo, local de expressão da virilidade, termo que em si carrega tudo o que agrega o

* Recebido em 06/05/2013 e aceito em 15/07/2013.

** Professora associada II de História Antiga e Medieval na Universidade Federal de Goiás. Doutora em História pela USP. Bolsista Produtividade II do CNPq. Coordenadora do Leir-GO. anateresamarquesgoncalves@gmail.com

conceito de *virvs*, a acepção masculina por excelência em latim, e de *ândres*, em grego, que, como nos lembra Jean-Pierre Vernant, constitui o melhor termo para identificar “os homens na plenitude de sua natureza viril” (VERNANT, 2001, p.45).

Não se espera de uma mulher a participação ativa na guerra, a não ser quando esta se reveste de prerrogativas masculinas, como o mando dos Estados – no caso, por exemplo, de uma Cleópatra no Egito, ou de uma Boudica no período de formação e manutenção dos territórios romanos conquistados. Mesmo na mitologia, com todas as especificidades da natureza deste relato heterogêneo, plasmático e plástico (GRIMAL, 1982, p.23), as *amazonas*, mulheres guerreiras por excelência, mutilam o que há de mais feminino em seu corpo, subtraindo um seio para carregar de forma mais cômoda seu alforje. Os gregos as representavam como descendentes de Ares e da ninfa Harmonia ou de Otetre, e colocavam seu reino ora no Cáucaso, ora na Trácia, ora na Scítia meridional, ora na margem esquerda do rio Danúbio. Seus feitos são citados por Homero, Heródoto e Plutarco. Na *Iliada*, cita-se que a rainha Pentesileia foi a Troia para ajudar Príamo a combater os helenos. Heródoto relata que os gregos lutaram contra amazonas na batalha de Termodão, levando várias como cativas para a Grécia até que estas conseguiram afundar vários navios, fugindo da escravidão. Nas tragédias, temos Hipólita lutando contra Hércules na Trácia, no seu nono trabalho, bem como Antíope, irmã de Hipólita, sendo oferecida como esposa a Teseu de Atenas. Mesmo Virgílio, na *Eneida*, apresenta Pentesileia combatendo a favor dos troianos, em feroz duelo com Aquiles, que a mata em combate (FELDER, 2004, p. 29-34).

Entre os germanos, as Walkírias eram virgens guerreiras, quase seres espirituais como erínias / eumênides e moiras gregas, ou as fúrias latinas, que acudiam aos campos de batalha para recolher os espíritos dos combatentes que pereceram de forma gloriosa, viril, e conduzi-los à Walhala, onde mandava o deus Odin. Apresentavam-se vestidas como guerreiras, com couraças, e, por vezes, eram representadas portando túnicas de plumas de cisne e/ou asas (FELDER, 2004, p. 27-28). Mesmo Atena, que já teria saído da cabeça de Zeus portando uma panóplia completa, está mais vinculada à estratégia, à formulação de inteligentes e significativos estrategemas bélicos que ao momento do combate, ou seja, que à efetivação da violência no campo de batalha.

Por isso, desperta a atenção do pesquisador o fato de Polieno ter inserido em seu Manual várias participações femininas em batalhas, algumas vezes utilizando métodos violentos, enquanto em outras narrativas enfatiza-se a astúcia feminina em eliminar grande número de inimigos com o uso de pouca energia em combate. Assim, devemos destacar que a obra poliênica, intitulada **Estratagemas** ou **Estratégias**, dedicada aos imperadores romanos Marco Aurélio e Lúcio Vero, quando de seu governo colegiado no II século d.C., reveste-se de um caráter específico ao congregar façanhas bélicas realizadas por mulheres, colocando-as no mesmo patamar dos empreendimentos militares realizados pelos homens. Tanto a esfera feminina quanto a masculina teriam muito a ensinar aos vindouros. Lembremos que os Príncipes aos quais a obra é dedicada enfrentaram inúmeras tentativas de invasão do *limes* romano por parte, por exemplo, de Quados, Marcomanos, Partos, Germanos e Sármatas. Desse modo, acreditamos que Polieno agrega em seu Manual exemplos vindos do passado que poderiam auxiliar nos combates realizados em seu presente, exemplos estes vindos de qualquer lugar, tempo e gênero.

O conhecimento dos generais deveria ser o mais amplo possível, pois os inimigos a serem combatidos eram também diversos, e estes usavam estratégias próprias, armas diferentes, formas de preparação e de disposição das tropas que podiam surpreender os romanos. Dessa maneira, quanto mais se conhecesse das práticas militares realizadas no passado, mais fácil ficava garantir a vitória no presente e no futuro, visto que a guerra poliênica pode ser descrita como o *locus* por excelência da implementação de estratégias e/ou estratagemas já experimentados, os quais garantiram a vitória. Cabia ao general conhecer esse repertório de implementos militares e conduzir o inimigo a proceder de forma a permitir que os estratagemas fossem postos em prática. As mulheres descritas por Polieno são capazes não apenas de engendrar novas práticas militares, constituindo-se em criadoras de estratégias, mas também de empreender práticas já conhecidas, levando seus exércitos à vitória, bem como persuadir seus homens a empregar estratagemas por elas indicados. Elas são seres persuasivos, astuciosos, até mesmo enganadores quando tal prática for necessária para garantir um número baixo de perdas em combate. Mas também podem ser violentas, quando a necessidade se apresenta.

Acreditamos que a narrativa histórica seja construída a partir de conceitos, palavras, cujo significado deve ser definido bem no início das pesqui-

sas a serem efetuadas. Assim, inferimos que o termo *violência* deva ser devidamente explicado e definido ao ser empregado nos estudos concernentes ao mundo antigo. Sua aplicação deve ser precedida de algumas reflexões, pois sua prática reveste-se de simbolismos e sentidos que só podem ser adequadamente entendidos, se imersos num arcabouço cultural próprio às sociedades complexas antigas. O que algumas comunidades identificam como atos de violência, outras aceitam como singelas práticas sociais e as justificam plenamente, a partir de discursos éticos baseados normalmente na necessidade de fortalecimento dos laços de coesão.

Muito se tem discutido, por exemplo, a respeito da extensão, diversidade e brutalidade dos espetáculos romanos no que se refere ao âmbito da conceituação de violência. Em vários filmes, como **Ben Hur**, **Quo Vadis?**, **Spartacus** e **Gladiador**, e mesmo nas séries televisivas **Roma** e **Espártaco**, reforça-se a ideia de que os jogos e/ou combates romanos eram épicos de sexo e violência. Na tradicional dicotomia estabelecida entre gregos e romanos, os primeiros aparecem como intelectuais, democratas, altruístas e atléticos, e os segundos como conquistadores, violentos, perversos, brutais, opressores e propensos a jogos de guerra (KYLE, 2007, p.251). No entanto, os espetáculos ou as guerras antigas não podem ser historicamente entendidas a partir de sentimentos humanitários modernos. Os *spectacula* eram empreendimentos públicos feitos por razões religiosas e/ou políticas e ajudavam a reforçar a ordem e o status social de seus participantes. De igual forma, a guerra era repensada a partir de sua justiça, de sua necessidade inerente à manutenção, muitas vezes econômica, das comunidades.

O mesmo cuidado deve ser tomado ao buscarmos atos de violência na estrutura política imperial romana. A relação de Roma com as províncias incluía tanto o uso da força militar para controlar revoltas quanto a utilização de outros expedientes necessários à cooptação das elites provinciais, como a construção de estradas, a fomentação de obras públicas, a organização da tributação, o acesso à cidadania e a efetivação de festividades que divulgassem os feitos dos soberanos.

Como afirma Georges Balandier:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca

credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial [...]. Logo, o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança. (BALANDIER, 1980, p.7)

Nenhum tipo de poder se exerce apenas pelo uso de armas coercitivas. Mesmo para a ocorrência de forças de violência devem ser construídas justificativas à sua implementação. Nenhum homem impunha uma espada e/ou uma lança ou um escudo sem um sentido para o ato, que pode ser da esfera do individual e/ou do coletivo. A defesa da vida, o resguardo da concórdia e a proteção da abundância são frequentemente ressaltados como valores fundamentais a serem mantidos pelos membros de uma comunidade, que repartem tanto os bens quanto os ônus da manutenção da segurança desses bens.

Dessa forma, como nos lembram Nicole Loraux (1988), na obra **Maneiras trágicas de matar uma mulher**, e Eva Cantarella (1996), no livro **Los suplicios capitales en Grecia y Roma**, mesmo no momento de combate ou na aplicação de penas capitais sancionadas pela lei, a morte causava uma poluição que perpassava a família do morto, os colegas de combate e mesmo os habitantes das cidades. Assim, a utilização de práticas violentas de supressão das pessoas apresentava um limite imposto pela ética, que regia o comportamento social das comunidades antigas, mesmo no espaço da guerra. A *kléos* só advinha da prática da *areté*, isto é, a glória, a boa fama, era conquistada pela execução de práticas consideradas honradas, admitidas pelo imaginário bélico socialmente compartilhado.

Jacqueline de Romilly, na obra **La Grecia Antigua contra la violencia**, defende que os gregos conheceram violências de diversas formas: uma interminável série de guerras; medidas repressivas espantosamente cruéis; escravidão; homicídios variados; feridas fatais; gritos; furores:

Por todas as partes reinava a morte, a dor e a extinção das belezas da vida [...]. Conhecemos a história da Grécia antiga e de Roma por

toda uma série de guerras que se sucederam ao longo dos séculos [...]. A vida nas cidades tampouco era completamente tranquila. Incubavam-se hostilidades políticas, que provocavam denúncias, processos e condenações. (ROMILLY, 2010, p.14)

Para essa autora, contudo, conhecemos tais fatos violentos graças a autores e textos que os mencionam, na maior parte das vezes para protestar contra eles e descrevendo essas violências para condená-las. Ressalta Romilly:

Uma civilização se define, com efeito, pelos dados concretos e pelos valores que têm ensinado e transmitido [...]. A grande originalidade da Grécia antiga consiste precisamente em haver querido [...] elaborar uma análise e extrair um ideal. (ROMILLY, 2010, p.16)

Assim, para ela, os gregos eram violentos na ação, mas pacifistas no ideal. Realizavam atos violentos, mas se posicionavam contra eles. A nosso ver, não se trata especificamente de ação e idealização, mas de ação e justificação. A relação implementada entre humanos permite a prática da violência em qualquer tempo ou espaço, na Antiguidade ou nos dias de hoje, seguindo normas sociais de conduta aceitas e praticadas. Mas a ação deve ser justificada para ser aprovada socialmente, e os gregos e romanos souberam fazer isso muito bem nos seus escritos.

Polieno destaca na abertura do Livro I de sua obra que o principal motivo que o levou a escrevê-la advém do fato de ele ser macedônio de nascimento: “Eu, um macedônio, que recebeu de herança o poder de ter vencido a guerra contra os Persas, não quero deixá-los sem minha contribuição na ocasião presente” (POLIENO. *Strategemata* I, 2-5). Para o autor, só por ter nascido compartilhando a vitória militar de Alexandre, o Grande, contra os persas o capacitava para escrever sobre a arte da guerra. Porque no mundo antigo a guerra era local para predispor a sua *ars*, a sua *téchné*, ou seja, conjunto de conhecimentos, de técnicas, de saberes, que permitia que um homem implementasse uma ação bem conduzida, com possibilidade de causar efeito favorável e esperado. Na introdução do Livro VI, Polieno confirma:

Tanto sois (Antonino e Vero) melhores que os generais anteriores em poder e fortuna, quanto sois maiores em experiência e arte [...].

Pelejando contra Persas e Partos, mostrais vossa arte com a ajuda dos deuses, a partir da ideia de que podeis dominar aos sublevados tanto fazendo planos sobre a guerra como guerreando vós mesmos. (POLIENO. **Strategemata** VI, 3-4)

O imperador precisaria conhecer as técnicas de combate para realizá-las ele mesmo ou para indicá-las a seus subordinados. A vitória para Polieno é conseguida mediante a mescla de três fatores: ajuda dos deuses, virtude dos comandantes e coragem dos romanos. Ele afirma:

A vitória contra Persas e Partos, sagrados Imperadores Antonino e Vero, a obtereis com o auxílio dos deuses, de vossa virtude e do valor dos romanos, com os quais sempre, tanto antes quanto agora, podeis vencer as guerras e batalhas que têm lugar [...]. Se meu corpo estivesse na plenitude de suas forças, inclusive teria sido, com meu vigor macedônio, um soldado animado, mas com minha idade avançada não deixarei de auxiliar no campo militar, pois ofereço estas provisões da arte da estratégia, descrevendo estratagemas realizados pelos antigos. Para vós, será uma ampliação de vossa experiência com velhos ensinamentos; para os que mandam na guerra, sejam feitos campo, legados, tribunos militares, centuriões ou demais comandantes militares enviados por vós, será um ensino das vitórias e das técnicas dos antigos êxitos. (POLIENO. **Strategemata** I, 3-4)

Para vencer, era necessário conhecer a técnica do combate, e esta se estabelecia pelos exemplos do passado, que deveriam ser retomados, refeitos, reempregados, reencenados. O conhecimento bélico era, assim, valorativo, pragmático e seletivo. Cabia ao general no momento do combate rever as técnicas que conhecia, ou mesmo consultar um manual militar como o de Polieno, e escolher a melhor estratégia. Quanto mais estratégias conhecia, mais repertório constituía para surpreender o inimigo. Indica Polieno:

O estudo dos relatos é uma coisa útil para os que estão em ócio, mas para os que estão empunhando armas o conhecimento das batalhas é o melhor mestre do que se deve fazer para emular os que venceram antigamente. Assim, os próprios estratagemas os ensinarão como emular as virtudes e as vitórias dos antigos. (POLIENO. **Strategemata** V, 4-5)

Desse modo, o espetáculo da guerra revestia-se também da pompa do surpreendente para o inimigo, pois o general deveria se sentir firme com as escolhas feitas, deixando pouco espaço para o imponderável. Dever-se-ia não apenas repetir a estratégia já valorada como possivelmente vitoriosa, mas reinterpretá-la, de forma a dar-lhe efeito de novidade pela escolha certa do momento, do local e da situação bélica. Vencer era, antes de tudo, escolher bem o cenário do combate, dando-lhe forma adequada, espaço de circulação e predisposição de tropas, e com a utilização das forças possíveis. Mais que o número de combatentes valia a coragem, a preparação e a disciplina dos soldados. Num mundo ampliado pelas inúmeras divindades acrescentadas ao panteão, pelas várias técnicas militares incorporadas dos povos conquistados, pelas diversas informações culturais inseridas no imaginário romano, a guerra devia acompanhar tal extensão de habilidades proporcionada pela transculturalidade que marcou os processos de romanização das províncias conquistadas e geridas pelos romanos.

O Manual de Polieno revela essa disposição integradora de diversas particularidades culturais. Todas as estratégias possíveis de auxiliarem as vitórias romanas são destacadas, vindas de povos mais diversos, de regiões mais distantes, de todos os tempos e tipos de relatos. Polieno não diferencia relatos épicos, históricos, mitológicos e/ou militares. Não escolhe ou demarca gêneros literários. Todas as informações devem estar disponíveis para serem selecionadas de acordo com a necessidade e a precisão impostas pelo calor da batalha. Por isso, as estratégias efetivadas pelas mulheres estão elencadas em sua obra.

Numa passagem, Polieno ressalta:

*Valor, com efeito, vem de quem com sua força venceu os inimigos, mas também é certo, ao contrário, ser superior sem luta, usando habilidade e astúcia, pois a primeira qualidade de um general sábio é conseguir a vitória sem grandes perdas, e excelente é também agir para que a decisão da estratégia obtenha a vitória antecipando o fim do combate. Parece-me que isto o aconselha também Homero, quando muitas vezes canta: 'Ou com astúcia ou pela força'. Ele não exorta outra coisa que a se valer de artifícios e estratagemas contra os inimigos. Mas se nisto fores inferior, então tem que se arriscar com a força física. (POLIENO. **Strategemata** I, 5-6)*

O uso da violência desmedida pelo simples fato de ter maior número de soldados é menos valoroso para Polieno que a utilização do engano e da astúcia para se chegar ao mesmo fim sem tantas perdas. A guerra não se torna menos justa ou honesta a seus olhos. Violência e honestidade são termos que devem ser revistos de acordo com o pensamento poliênico. Por isso a presença feminina é tão importante, pois as mulheres são apresentadas como grandes conhecedoras da arte do engano e das práticas astuciosas que permitiriam a vitória por meios controlados e sem tanta perda de vidas.

Segundo Kurt A. Raaflaub:

A guerra produz ação, eventos momentâneos e mudança; ela afeta profundamente as vidas de indivíduos, comunidades e estados; ela é responsável, direta e indiretamente, pelo desenvolvimento de estruturas políticas e sociais e pelos avanços em ciências, tecnologia e, virtualmente, por cada aspecto da cultura. (RAAFLAUB, 2007, p.9)

Não à toa os denominados tradicionalmente de “pais da História”, Heródoto e Tucídides, elegeram guerras como mote principal para suas narrativas, que seguiram prerrogativas de relato diversas. O macedônio Polieno quis deixar sua contribuição para a continuidade das vitórias romanas ao criar seu Manual. Ele se apresenta como um *dikaian*, isto é, um “advogado” ou “observador da lei”, alguém que dedicava sua vida e recebia pagamento por auxiliar na aplicação das leis existentes:

Ofereço a vós, sagrados Imperadores Antonino e Vero, o oitavo livro dos Estratagemas, de sorte que, concluída a obra que prometi a vós, desejo que tenhais com vossas virtudes militares um bom final nas guerras e para mim um louvor justo de vossa parte, porque, apesar de haver escolhido a vida e a função de “observador da lei”, não descuidei de escrever o que poderia resultar útil a vós, ao Império Romano e aos gregos [...]. (POLIENO. **Strategemata** VIII, 1-2)

Ofereço a vós, sagrados Imperadores Antonino e Vero, este segundo livro dos Estratagemas, e os faço em forma de resumo para vos ajudar, que, sem dúvida algumas, estais capacitados para compreender a partir de quanta investigação e quanto trabalho usei para reuni-lo. E tudo isso não enquanto estava ocioso, mas enquanto estava ocupado em defender causas e pleitos em vosso nome. (POLIENO. **Strategemata** II, 1-2)

O conteúdo do Manual está distribuído em oito livros, tendo cada um uma introdução e, muitas vezes, a repetição da dedicatória aos Príncipes, o que nos leva a crer que esta divisão foi obra do próprio autor e não somente de seus copistas posteriores. Suas palavras indicam que ele finalizou a obra, apesar de ela apresentar uma lacuna ao final do oitavo livro. Também supomos que o autor não foi um homem em armas, mas um interessado pela prática militar, que conjugava o conhecimento das leis ao interesse pelas práticas militares. Escreveu em grego e deixa claro que espera um público grego como sua maior audiência. Além disso, enfatiza que tem pretensões de ser útil ao império e de receber algum tipo de louvor em troca de seu trabalho, mesmo que seja a recordação de seus escritos. A obra possivelmente foi produzida entre 161 e 163 d.C., e acredita-se que ele tenha escrito mais dois livros: **Tácticas**, que teria uma contraface dos **Estratagemas** – citado no **Suda**, mas não chegou até nós, e o próprio Polieno, no Livro VI, promete a confecção de uma obra na qual narraria os feitos de Marco Aurélio e Lúcio Vero (POLIENO. **Strategemata** VI. 1-2), mas tal livro, se foi escrito, também não chegou até nós (KRENTZ; WHELLER, 1994, p.12-14).

Os **Estratagemas** recolhem trechos resumidos de narrativas históricas e/ou mitológicas que apresentam teor militar – ou seja, pequenos relatos de opções táticas e estratégicas, engendradas para garantir a vitória em contendas bélicas –, advindos de todo tipo de documentação coletada por Polieno e não por ele indicada. Dessa forma, o autor assume a função mais de coletor e disponibilizador de conteúdo do que de forjador ou criador de estratégias. E é nesse íterim que os **estratagemas** femininos, violentos ou não, aparecem inseridos no relato.

Dentro de certo aticismo que marcou o período dos Antoninos, a obra poliênica pode ser identificada como de síntese do conhecimento adquirido e ampliado pela conquista de diferentes populações com componentes culturais diversos. O trabalho de Polieno coloca ao alcance dos romanos um conhecimento construído através dos séculos e por diversos povos. Congrega ardis militares com conselhos de generais, medidas de disciplina e fatos considerados marcantes e gloriosos na esfera bélica. Aparecem **estratagemas** efetivados por deuses, heróis, reis, legisladores, tiranos, bárbaros, com condutas individuais ou coletivas. Mesmo os povos dominados podem e devem ensinar aos romanos, pois para manter o domínio é necessário conhecer quem se conquista:

Ofereço a vós, sagrados Imperadores Antonino e Vero, este sétimo livro dos Estratagemas, no qual podereis aprender que as mentes dos bárbaros não carecem em absoluto da capacidade estratégica, mas que, ao contrário, eles também desenvolvem engenho, astúcia e engano [...]. Seja, pois, a melhor e inexpugnável salvaguarda para com eles a desconfiança, que desenvolvamos a força militar e que pratiquemos a arte mais depurada contra eles, e faremos isso se previamente aprendermos sua forma de conceber os estratagemas. (POLIENO. **Strategemata** VII, 1-5)

Na opinião de José Vela Tejada e Francisco Martín García, as mulheres citadas nos dois últimos livros da obra (Livros VII e VIII) são menos estrategistas que representantes de um comportamento heroico (VELA TEJADA; MARTÍN GARCÍA, 1991, p.155). Não concordamos inteiramente com tal afirmativa. Inferimos que, assumindo posições marcadamente vistas como masculinas, as mulheres citadas, de forma individual ou grupal, são capazes sim de promover estratégias, de criá-las e de implementá-las, contando com a aceitação e a submissão masculina, e neste contexto exercem posturas heroicas. A guerra é o espaço também da desordem. Tenta-se controlar o imponderável, o impensável, porque ele pode surgir no ardor da batalha. E num campo de possibilidades abertas como a guerra, as mulheres podem sim desenvolver capacidades estratégicas no discurso poliênico.

Vejam os alguns estratagemas descritos por Polieno e levados a cabo por grupos de mulheres de diversas etnias presentes nos Livros VII e VIII.

Conta Polieno que os tirrenos, expulsos pelos atenienses de Lemnos e Imbros, ocuparam Tênaros e combateram ao lado dos lacedemônios contra os hilotas. Receberam direitos de cidadania e de matrimônio, mas não podiam participar do conselho nem das magistraturas. Assim, se rebelaram. Vários foram presos, esperando o julgamento dos espartanos. Suas mulheres, aproximando-se do cárcere, suplicaram aos vigias que as deixassem entrar para vê-los e falar com eles. Quando entraram, trocaram de roupas com os maridos e conseguiram que eles saíssem sem serem notados. As mulheres permaneceram presas e dispostas a serem punidas. Não esquecendo suas esposas, os tirrenos ocuparam Taigeto, sublevaram os hilotas e se prepararam para a guerra. Os lacedemônios, querendo evitar a contenda, devolveram as mulheres e lhes deram navios e moedas para que fossem colonizar outra terra (POLIENO. **Strategemata** VII, 49). Nesse relato, ve-

mos as mulheres descritas como seres extremamente astuciosos e corajosos, pois libertam os maridos usando um ardil e permanecem no cárcere esperando a punição, como se a liberdade masculina fosse mais importante para a comunidade que a feminina no momento de uma guerra. Quilônide, filha de Cleada e mulher de Teopompo, também é exemplo dessa conduta. Estando seu marido prisioneiro dos arcádios, ela se apresentou voluntariamente frente aos inimigos. Conseguindo entrar no cárcere, com ele também troca de roupa para libertá-lo (POLIENO. **Strategemata** VIII, 34).

Já quando Aníbal sitiou a Ibéria, resolveu invadir uma cidade salmantina para saqueá-la. Os invadidos rogaram que Aníbal permitisse que eles deixassem a cidade junto de suas mulheres, mas deixando para trás armas, bens e escravos. Elas ocultaram espadas em suas roupas, mais volumosas, e, quando ultrapassaram as muralhas, repassaram as armas aos homens, que passaram a atacar os cartagineses. “Aníbal, admirado com o valor das mulheres, devolveu os bens e a pátria aos homens por causa delas” (POLIENO. **Strategemata** VII, 48). Uma narrativa muito parecida está disposta acerca do comportamento das mélias. Reconta Polieno que os mélios colonizaram a Cária, tendo como líder Ninfeu. Os cários, conspirando contra os invasores, os convidaram para uma festa. Uma virgem cária, enamorada de Ninfeu, lhe revelou a conspiração. O líder, então, disse aos anfitriões que era costume entre os gregos ir ao banquete levando suas mulheres. Assim, os cários permitiram a entrada das mélias, que levaram em suas roupas armas para os maridos. Durante o festejo, elas passaram-lhes as espadas, os mélios mataram os cários e ocuparam a região (POLIENO. **Strategemata** VIII, 64). Tais relatos relembram que a diferença cultural, por exemplo, no que concerne ao vestuário entre homens e mulheres, pode ser usada de forma ardilosa para enganar os inimigos, permitindo que a mulher ocupe um lugar de receptáculo para o armamento masculino. Algo próximo ocorreu com as tásias, que cederam suas fitas de cabelo, e mesmo seus fios de cabelo, para que os tásios pudessem erguer máquinas de guerra contra os inimigos que mantinham suas muralhas fechadas e sem possibilidade de encontrar outros tipos de atavios (POLIENO. **Strategemata** VIII, 67). Percebemos como a presença feminina complementa a ação masculina e auxilia no combate. Mesmo sem personificar a força ou a violência, as mulheres contribuem para a vitória usando seus recursos ou servindo de veículo para os pertences masculinos (como as espadas).

Podemos encontrar também no relato poliênico as mulheres que se lançaram à batalha, mas de uma forma bem particular. Por exemplo, as focenses construíram uma pira funerária e ameaçaram se jogar com seus filhos, caso seus homens não lutassem bem. Os focenses, então, “guerrearam com mais valor e venceram a luta contra os tessálios” (POLIENO. **Strategemata** VIII, 65). As argivas subiram nos telhados de suas casas e de lá atiravam telhas contra os epirotas, obrigando-os a se retirarem da cidade. Até Pirro, que Polieno descreve como “o mais hábil dos generais”, feriu-se ao receber uma telha na cabeça (POLIENO. **Strategemata** VIII, 68). As acarnanias também subiram nos telhados de suas casas e atiraram telhas e pedras contra os etólios, além de gritarem palavras de encorajamento para seus maridos (POLIENO. **Strategemata** VIII, 69). As cireneas, na guerra contra Ptolomeu, faraó do Egito, levantaram paliçadas, cavaram fossos, jogaram dardos e pedras, curavam os feridos e preparavam a comida das tropas, todos trabalhos indicados como fundamentais por Polieno para que os homens combatessem de forma feliz (POLIENO. **Strategemata** VIII, 70). As lacedemônias se uniram em torno de Arquidamis, filha do rei Cleades, para cavar fossos, carregar armas, afiar lanças, curar os feridos, tornando seus maridos mais audazes no combate e derrotando Pirro (POLIENO. **Strategemata** VIII, 49).

Entre os celtas, em plena guerra civil, as mulheres se colocaram no meio do campo de batalha e arbitraram querelas e ditaram sentenças, de modo que os homens se reconciliaram por famílias e por cidades. Depois disso, cada vez que os celtas deliberavam sobre guerra ou paz, ou sobre qualquer outra coisa comum e importante para eles mesmos ou seus aliados, as coisas eram decididas com os votos das mulheres (POLIENO. **Strategemata** VII, 50). Por tal relato, vemos como entre os bárbaros as mulheres teriam voz nas decisões sobre guerras, visto que até elas, com seu específico desenvolvimento intelectual, perceberiam as mazelas causadas por uma contenda extensa.

Já o povo dos Peleneus, voltando da guerra de Troia, chegou à cidade de Flegra. As cativas troianas, como não suportavam a vida escrava, incendiaram os navios. Etia, irmã de Príamo, convenceu-as a agir dessa forma (POLIENO. **Strategemata** VII, 47). Assim, nesse excerto, há uma líder feminina, e esta é sempre indicada como membro de uma importante família ou tendo alguma função social, como, por exemplo, a poetisa de Argos – Telesila –, que liderou e armou as argivas contra Cleomenes, rei dos la-

cedemônios, vestindo-as com túnicas e clâmides, como se fossem homens (POLIENO. **Strategemata** VIII, 33); ou Clélia, filha de importante família romana, que, junto com outras mulheres, foi dada aos tirrenos: liderando uma revolta, ela persuadiu-as a atar a túnica na cabeça e atravessar um rio caudaloso a nado, buscando voltar para Roma, mas foram pegas. Porsina, rei dos tirrenos, admirado com a coragem das mulheres, acabou devolvendo-as aos romanos (POLIENO. **Strategemata** VIII, 31). A mulher é, assim, identificada sempre como irmã, filha ou esposa de algum homem que a impregnou com sua distinção e coragem. Essa relação familiar marca as descrições poliânicas sobre as mulheres guerreiras.

No Livro VIII, trinta e seis mulheres são citadas nominalmente (Semíramis, Rodogune, Tomíris, Nitétis, Filotis, Clélia, Pórcia, Telesila, Quilônide, Piéria, Policrite, Lampsace, Aretafila, Canma, Timoclia, Erixó, Pitópolis, Crisame, Policlía, Leena, Temistó, Feretima, Axiótea, Arquidamis, Laodice, Teanó, Deidâmia, Artemísia, Manía, Tigartaó, Amage, Arsínoe, Cratesópolis, Cinna, Mista e Epícaris), havendo ainda uma sacerdotisa de Atenea e uma mulher milésia, cujos feitos possibilitaram a garantia da vitória militar. Vamos a seus feitos, que podem ser descritos e/ou considerados como violentos ou não.

A sedução é uma das maiores armas femininas no relato poliênico. Por exemplo, quando Semíramis se banhava, foi informada da fuga dos siracos. Descalça, quase desnuda e sem prender os cabelos, foi para a batalha e conseguiu a vitória (POLIENO. **Strategemata** VIII, 26). Quase o mesmo ocorre com a persa Rodogune, que lavava os cabelos no banho, quando foi informada da deserção de um povo aliado. Sem terminar de limpar os cabelos, quase desnuda, montou a cavalo e chefiou o exército, jurando que só terminaria de limpar as melenas após submeter os rebeldes, procedendo exatamente dessa forma (POLIENO. **Strategemata** VIII, 27).

Enamorados e seduzidos pelas mulheres, vários homens deram fim à guerra. É o caso de Frígio, o mais influente dos filhos de Neleu, que, apaixonado por Pieria, filha de Pitos, homem ilustre de Mileto, pôs fim à contenda com os jônios (POLIENO. **Strategemata** VIII, 35). O mesmo ocorreu com Diogneto, general dos eritreus, que, apaixonado pela cativa Policrite, permitiu que ela enviasse um bolo de presente para seus irmãos em Naxos. No interior do bolo, Policrite inseriu uma tabuinha de chumbo na qual indicava que o melhor momento para os naxinos invadirem a Eritreia seria à noite, quando os homens se encontravam bêbados. Os habitantes de Naxos assim

procederam e venceram a guerra, mas Policrite pediu aos seus concidadãos Diogneto como presente (POLIENO. **Strategemata** VIII, 36).

Os casamentos também se convertem em estratégias de guerra. Ciro, rei dos persas, pediu em matrimônio uma das filhas de Amásis, rei do Egito. Este lhe enviou Nitetis, filha do rei Áprius, em cujo lugar governava após tê-lo destronado. Nitetis, após ter filhos com Ciro e ganhar o afeto do marido, convenceu-o a fazer guerra contra o Egito para recolocar a família de Áprius no poder (POLIENO. **Strategemata** VIII, 29). De igual maneira, Nicócrates, tirano dos Cireneus, matou Melanipo, sacerdote de Apolo, e se casou com Aretafla, sua linda esposa. Esta tentou matar o tirano com drogas e venenos, foi descoberta e afirmou que não se tratava de veneno, mas de um filtro para manter o amor do marido. Em seguida fez sua filha, jovem e bela, seduzir Laandro, irmão mais jovem do tirano. Casando-se com ela, mãe e filha levaram Laandro a matar o irmão e tomar o poder (POLIENO. **Strategemata** VIII, 38). Já Canma, sacerdotisa de Ártemis e esposa de Sinato, tetrarca em Galácia, era famosa por sua beleza física e virtude. Outro tetrarca, Sinórix, dela se enamorou e matou seu marido, pretendendo desposá-la. Canma fingiu aceitar o acordo e, ao celebrar as bodas, ofereceu-lhe hidromel envenenado (POLIENO. **Strategemata** VIII, 39). É o mesmo caso de Temistó, filha de Critão, rei de Eantio, de quem se enamorou Filon, filho do tirano Fricodemo. Este pediu a virgem em casamento para o filho. O pai se opôs, mas o tirano arrancou outros filhos de Critão e os jogou às feras até que o pai aceitasse as bodas. Temistó se apresentou para o casamento, mas escondeu uma espada embaixo da túnica. Depois de se apresentar no tálamo com o noivo, cortou-lhe a garganta enquanto dormia, fugindo de barco para Hélice, cidade da Achaia, onde se encontrava um templo dedicado a Poseidon (POLIENO. **Strategemata** VIII, 46).

Cabia também à mulher o lugar de boa conselheira. Pórcia, filha de Catão e esposa de Brutus, suspeitando de que seu marido conspirava contra Júlio César, tentou morrer de fome. Não conseguindo, solicitou aos familiares que lhe trouxessem um tripé com brasas, para que pudesse ofertar alguns incensos. Rapidamente introduziu algumas brasas na boca e se matou por vergonha do marido (POLIENO. **Strategemata** VIII, 32). Pites, ao encontrar minas de ouro em sua cidade, mandou que todos os cidadãos abandonassem a agricultura e passassem a praticar a mineração. Tendo chegado de viagem, pediu à esposa Pitópolis que lhe servisse uma

refeição. Esta lhe pôs uma mesa de ouro, mostrando-lhe que, se continuasse rejeitando a agricultura, todos morreriam de fome (POLIENO. **Strategemata** VIII, 42). Amage, por sua vez, esposa de Medosaco, rei dos Sármatas, ao ver seu marido molenga e bêbado, sentenciava nos julgamentos e organizava a defesa da região. Reunindo em torno de si cento e vinte homens vigorosos de corpo e espírito, e entregando a cada um três cavalos, invadiu o palácio, matou o marido e tomou o poder (POLIENO. **Strategemata** VIII, 56).

Há aquelas que veem na morte a fuga do cativo ou de um mau casamento, como Axiótea, mulher de Nicócles, rei dos cipriotas. Quando Ptolomeu, faraó egípcio, invadiu Chipre, seu marido e seus irmãos se degolaram. Ela convocou irmãs, mães e mulheres em geral, subiram aos telhados, degolaram os filhos que traziam nos braços e, colocando fogo nas casas, algumas se mataram com espadas enquanto outras se lançaram valentemente às chamas, para que os inimigos não se apoderassem sequer de seus corpos mortos (POLIENO. **Strategemata** VIII, 48). Cinna, filha de Felipe da Macedônia, se exercitava na guerra, conduzia exércitos e enfrentava inimigos nos campos de batalha. Matou a rainha dos ilírios com um só golpe, bem como a vários soldados ilírios. Mas com o assassinato de Felipe, aceitou ser degolada, preferindo morrer a se ver alijada do poder (POLIENO. **Strategemata** VIII, 60). Pisão e Sêneca tramaram uma conspiração contra Nero. Sêneca tinha um irmão, Melas, que tinha uma amante, Epícaris. Quando Sêneca foi implicado na conjura junto com o irmão, a concubina preferiu se enforcar em sua liteira com um cinturão a se entregar a Nero (POLIENO. **Strategemata** VIII, 62).

No entanto, é a astúcia a maior arma feminina em combate. Como informam Marcel Detienne e Jean-Pierre Vernant, no livro **Métis: as astúcias da inteligência**, a astúcia é antes de tudo uma prática, uma forma particular de inteligência, uma prudência avisada (DETIENNE; VERNANT, 2008, p.17). Como Políclia, irmã de Eato, filhos de Fidipo, da linhagem dos heráclidas, que, em plena campanha contra os beócios que naquele momento habitavam a Tessália, ouviu um oráculo que previu que o primeiro de sua linhagem que cruzasse o rio Aquelau, pisando em terra inimiga, tomaria o poder. Quando o exército estava a ponto de cruzar o rio, Políclia informou que estava com o tornozelo ferido e que precisava ser carregada pelo irmão. Eato, sem suspeitar de nada, carregou-a de uma margem a outra. Lá chegando, pulou em terra firme e falou: “A mim

corresponde o reino, conforme o oráculo, pois fui a primeira de todos a pisar a região”. Eato se admirou do talento da irmã e se casou com ela, para que pudessem reinar juntos (POLIENO. **Strategemata** VIII, 44). Ou como Artemísia, rainha da Caria, filha de Ligdamis, que combatia junto a Xerxes no mar, em Salamina. Vendo que os persas fugiam e os gregos atacavam, ela deu ordem ao timoneiro que batesse numa nau persa que estava ao seu lado. Os gregos, vendo a batida, acreditaram que o navio de Artemísia era um barco aliado e a deixaram passar (POLIENO. **Strategemata** VIII, 53). Ou ainda como Arsínoe, esposa de Lisímaco, rei de Éfeso, que, frente a uma invasão de Seleuco, fez reclinar em sua liteira real uma escrava portando suas insígnias e suas roupas. Enquanto a escrava era morta, Arsínoe fugia por uma porta da muralha trajando uma roupa em farrapos (POLIENO. **Strategemata** VIII, 57). Estória parecida com a de Mista, esposa do próprio Seleuco, que, fugindo dos inimigos após o marido ser derrotado em Ancira pelos gálatas, trocou a vestimenta real por farrapos e acabou vendida entre os prisioneiros, sendo enviada para Antioquia (POLIENO. **Strategemata** VIII, 61). Ou, por fim, na luta dos etólios contra os peleneus, uma sacerdotisa de Atena, a mais bonita e alta das virgens, teve a ideia de portar uma panóplia completa e um elmo com três penas, e ir para a acrópole da cidade. Os etólios, ao verem a virgem saindo armada do templo de Atena, pensaram que era a própria deusa e abandonaram a batalha (POLIENO. **Strategemata** VIII, 59).

Portanto, as mulheres são descritas não apenas como vivenciadoras ou espectadoras das batalhas, mas como propiciadoras, iniciadoras e realizadoras de ações e eventos capazes de pertencerem à arte da guerra. A contenda irrompe as barreiras do lar, invade o recôndito gineceu. Elas se defendem como podem e atacam quando têm possibilidade. No discurso poliênico, são líderes de tropas ou de desvalidas; são corajosas ao estimular os maridos e outros familiares para a batalha ou ao procurarem a morte como escape do cativeiro certo. São múltiplas e únicas; são modelos e idealizações; são referências e exemplos. São, assim, a personificação da violência do espaço da guerra no feminino.

PARTICIPATION FEMALE IN ANCIENT WAR ACTIVITIES: WOMEN IN POLYAENUS' STRATAGEMS

Abstract: Polyaeus produced his work entitled Stratagems and Strategies in the II century AD, dedicating his Manual of Military aid contentions taken by the Roman Emperors Marcus Aurelius and Lucius Verus, when his government council. Unlike most other military manuals, such as those produced by Frontinus, Aeneas, the Tactical and Vegetius, Polyaeus reserved parts of his narrative to the stratagems of war produced and implemented by women. This exemplary female participation in warfare in ancient Latin and deserves a more meticulous. More than a room for the application of concepts coming from the History of Gender, the work of Polyaeus allows us to perform a reflection on the roles women and men to be exercised in times of war activities incorporated in the ancient world.

Keywords: Women; War; Military Manual; Rome; Polyaeus.

Documentação escrita

POLIENO. **Estratagemas**. Trad. José Velada Tejada e Francisco Martín García. Madrid: Gredos, 1991.

POLYAENUS. **Stratagems of War**. Trad. Peter Krentz e Everett L. Wheller. Chicago: Ares, 1994.

Bibliografia

BALANDIER, G. **O poder em cena**. Brasília: EDUNB, 1980.

CANTARELLA, E. **Los Suplicios Capitales en Grecia y Roma**. Madrid: Akal, 1996.

COHEN, D. **Law, Violence and Community in Classical Athens**. Cambridge: University Press, 2000.

DETIENNE, M.; VERNANT, J.-P. **Métis: As astúcias da inteligência**. São Paulo: Odyssée, 2008.

FAU, G. **L'Émancipation Féminine dans la Roma Antique**. Paris: Les Belles Lettres, 2009.

FELDER, E. N. **Vida y Pasión de Grandes Mujeres: Las Guerreras**. Buenos Aires: Imaginador, 2004.

- GARCÍA GUAL, C. *Perfiles de la Astúcia: la Métiis como Categoría Cultural*. **Revista de Occidente**, Madrid, v.79, p.15-27, 1987.
- GOLDHILL, S. (Ed.) **Being Greek under Rome**. Cambridge: University Press, 2001.
- GRIMAL, P. **A mitologia grega**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- KRENTZ, P.; WHELLER, E. L. Introduction. *In*: POLYAENUS. **Stratagems of War**. Trad. Peter Krentz e Everett L. Wheller. Chicago: Ares, 1994.
- KYLE, D. G. **Sport and Spectacle in the Ancient World**. Oxford: Blackwell, 2007.
- _____. **Spectacles of Death**. London: Routledge, 1998.
- LORAUX, N. **Maneiras trágicas de matar uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MEIJER, F. **The Gladiators**. New York: St. Martin's Press, 2005.
- RAAFLAUB, K. A. **War and Peace in the Ancient World**. Oxford: Blackwell, 2007.
- ROMILLY, J. de. **La Grecia Antigua Contra la Violencia**. Madrid: Gredos, 2010.
- SWAIN, S. **Hellenism and Empire**. Oxford: University Press, 2010.
- VELADA TEJADA, J.; MARTÍN GARCÍA, F. Introducciones. *In*: POLIENO. **Estratagemas**. Trad. José Velada Tejada e Francisco Martín García. Madrid: Gredos, 1991, p. 147-171.
- VERNANT, J.-P. La Bella Muerte y el Cadáver Ultrajado. *In*: _____. **El Individuo, la Muerte y el Amor em la Antigua Grecia**. Barcelona: Paidós, 2001, p.45-80.
- _____. A morte heroica entre os gregos. *In*: _____. **A travessia das fronteiras**. São Paulo: EDUSP, 2009, p.77-95.
- WHITMARSH, T. **Greek Literature and the Roman Empire**. Oxford: University Press, 2008.